

As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa

*UNIARQ

Carolina Grilo*

Resumo O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC) está localizado na baixa pombalina de Lisboa, no primeiro quarteirão a sul, entre as Ruas Augusta e dos Correeiros. Os trabalhos arqueológicos decorreram entre 1991 e 1995, revelando uma longa e quase ininterrupta diacronia de ocupação daquele espaço urbano, entre o século V a.C. e a reconstrução pombalina.

No local foi recuperado um conjunto bastante diversificado de espólio de cronologia romana, onde se incluem ânforas e cerâmicas finas: paredes finas, vidros, terra sigillata, cerâmica comum. Entre este, o conjunto de lucernas aí identificadas, oriundas dos distintos estratos de ocupação antiga e de contextos secundários, corresponde a um testemunho dos contactos e dinâmicas comerciais do local e da *Olisipo* romana.

Abstract The archeological site of Rua dos Correeiros (NARC) is located in the downtown “Baixa” of Lisbon, in the first south block, between Rua Augusta and Rua dos Correeiros. The urban archeological fieldwork took place between 1991 and 1995, unraveling an intense and continuous human occupation, from the fifth century B.C. to the Pombalin reconstruction. The objects associated with the roman occupation were abundant and diversified, including amphorae, fine ware: terra sigillata, thin walled pottery, glass and common ware. Amongst those, the lamps, recovered in primary and secondary contexts, demonstrate a glimpse of the commercial site dynamics and of the Roman city of *Olisipo*.

1. Introdução

As escavações efectuadas no NARC puseram a descoberto um importante conjunto de vestígios da *Olisipo* romana na antiga margem do esteiro, com uma vasta diacronia de ocupação que testemunha as dinâmicas e transformações do espaço urbano em Época Romana.

Na esteira de diversos trabalhos dados a conhecer sobre o sítio, em particular o complexo industrial de produção de preparados de peixe (Bugalhão, 2001) e alguns dos seus conjuntos artefactuais, (Bugalhão & Sabrosa, 2004; Raposo & *alii*, 2005) sucedem-se actualmente a necrópole (Bugalhão & *alii*, neste volume) e o conjunto lucernário¹.

2. Análise dos materiais

O conjunto das lucernas do NARC contabilizou cerca de 55 exemplares, discriminados por dezoito fragmentos de depósito, dez de disco, doze de orla, sete asas e oito fundos². Cerca de cinco fragmentos apresentam marcas e nove correspondem a exemplares decorados.

A fragmentação do conjunto impossibilitou a classificação da maior parte das peças, factor igualmente condicionado pela natureza da ocupação do espaço e das suas sucessivas reformulações e reconversões. Em bom rigor, apenas treze exemplares permitiram uma classificação nos tipos formais. A respectiva descrição do conjunto por tipos e produções correspondeu igualmente a um primeiro esboço de seriação cronológica, onde estão patentes produções alto e baixo-imperiais. No que concerne ao critério tipo-morfológico, foram observadas as tipologias mais relevantes e recorrentes nos estudos dos conjuntos lucernários, patentes nos trabalhos de Dressel (1899) e de Lamboglia (1952), Loeschcke (1919), Deneauve (1969), Ponsich (1961) e as obras de Hayes (1972) e Atlante (1981). Quanto à análise iconográfica, a referência aos elementos decorativos foi efectuada com base nos critérios de Bailey (1980, 1988).

A estratigrafia do NARC revelou diferentes momentos de ocupação romana desta zona ribeirinha, com especial enfoque para uma necrópole, escavada sobre uma espessa camada arenosa (Bugalhão, 2001) e a posterior reconversão deste espaço num complexo industrial de preparados de peixe, em funcionamento entre a segunda metade do século I e o século V d.C. (Bugalhão, 2001). O estudo recente da necrópole e da sua componente artefactual (Bugalhão & *alii*, neste volume) permitiu determinar com maior rigor a cronologia de utilização do espaço funerário, centrada entre Augusto e Cláudio (Bugalhão & *alii*, neste volume) e consequentemente, precisar o momento de implantação das unidades de transformação e conserva de peixe do NARC na segunda metade do século I (Bugalhão & *alii*, neste volume).

Estes horizontes de utilização foram determinantes para a caracterização crono-estratigráfica dos conjuntos artefactuais do NARC, no qual se enquadram as lucernas. Assim, sempre que possível e quando existentes, são indicadas as associações contextuais que confirmam a precisão cronológica dos exemplares em análise. Por oposição, nos demais exemplares recolhidos em contextos secundários, apresentam-se as cronologias de produção e circulação.

2.1. Grupos de fabrico

Outro dado fundamental para a leitura integrada do conjunto lucernário correspondeu à identificação das diferentes produções e suas origens para a qual foi efectuada uma análise macroscópica dos exemplares, a fim de identificar os diferentes fabricos presentes.

A realidade numérica do conjunto permitiu a definição de nove grupos de pastas oriundas de diferentes áreas ou centros de produção (Fig. 1), que ocorrem de modo desigual ao longo da estratigrafia de ocupação do sítio, decorrentes dos ritmos das importações e das dinâmicas de intercâmbio comercial da cidade romana. A sua confrontação com os

¹ O espólio artefactual, onde se inclui o conjunto lucernário, está actualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia.

² Os desenhos são da autoria de Inês Conde (com excepção dos n.ºs 328, 798, 3849, 3856, 4017, 4068, 4070, 4071, 4075, 4078 e 4079).

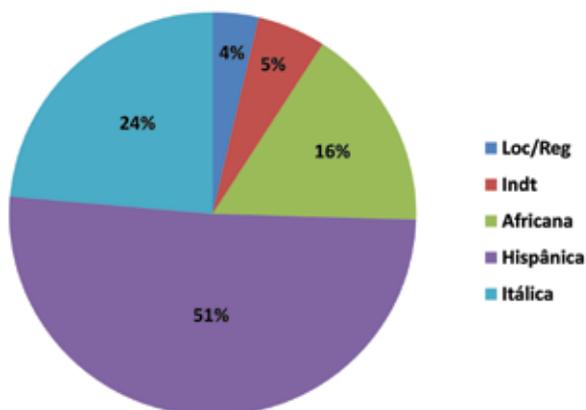


Fig. 1 – Distribuição do conjunto de lucernas do NARC por origem de produção.

dados disponíveis da área urbana de *Olisipo* permitiu espelhar uma leitura consistente do padrão económico local.

Assim, os fabricos I e II compreenderam as produções itálicas. Os fabricos III e IV corresponderam às produções africanas, os fabricos V, VI e VII às produções hispânicas (os grupos V e VI oriundos da área bética e o grupo VII de origem lusitana, da região emeritense) e o fabrico VIII, de características análogas a exemplares da Praça da Figueira ou do teatro romano (Vieira, 2011; Diogo & Sepúlveda, 2000), para o qual se postulou uma origem local ou regional. Por último, o grupo IX foi atribuído a pastas cuja origem não foi possível determinar sem recurso a outros critérios.

Fabrico I – Pastas compactas e depuradas, com fractura lisa e elementos não plásticos não distinguíveis macroscopicamente, de tonalidade bege-amarelada (Munsell 10YR 8/3) e engobe aderente, liso e uniforme, de tonalidade castanha com laivos avermelhados (Munsell 5YR 5/4).

Fabrico II – Pastas compactas e depuradas, com inclusões brancas e quartzos de pequena dimensão, de tonalidade bege-rosada (entre Munsell 5YR 8/1 a 7/4). O engobe é relativamente espesso, de tonalidade avermelhada (entre Munsell 2.5YR 5/6 e 2.5YR 4/6).

Fabrico III – Pastas muito compactas e depuradas, com fractura lisa, elementos não plásticos não distinguíveis macroscopicamente, de tonalidade acinzentada (Munsell 10YR 5/1) com vestígios de engobe casta-

nho avermelhado (Munsell 5YR 3 /4).

Fabrico IV - Pastas duras, semi-compactas, com alguns vacúolos e presença de inclusões e microfósseis brancos visíveis macroscopicamente, de tonalidade rosa-avermelhada (Munsell 2.5YR 5/6) e engobe fino, de tonalidade avermelhada (Munsell 2.5YR 4/8).

Fabrico V – Pastas compactas e depuradas, de fractura lisa, com elementos não plásticos de pequena dimensão compostos por quartzo, inclusões brancas e micas, de tonalidade bege-amarelada (Munsell 5Y 8/2) com vestígios de engobe acastanhado (entre Munsell 10YR 2/1 e Munsell 10YR 4/4) baço, com manchas descoloradas e vestígios de dedadas.

Fabrico VI – Pastas compactas e depuradas de tonalidade branca (Munsell 10YR 8/2) e engobe espesso e lustroso com manchas descoloradas, castanho com laivos alaranjados (Munsell 5YR 6/6).

Fabrico VII - Pastas compactas, de textura rugosa, com elementos não plásticos de quartzo e mica, de coloração bege esbranquiçada (Munsell 10YR 8/1) e engobe alaranjado baço (Munsell 5YR 7/8).

Fabrico VIII – Pastas compactas, com fractura irregular, de tonalidade laranja com cerne cinzento e elementos não plásticos de quartzo, micas e inclusões brancas (Munsell GLEY 1 5/N). Apresentam aguada do tom da pasta, laranja (Munsell 7.5 YR 6/4).

Fabrico IX – Pastas muito compactas, duras e sobrecozidas, onde não se distinguem os elementos não plásticos, de coloração cinzento acastanhada (Munsell 10YR 5/2) com aguada do mesmo tom e marcas de dedadas.

3. Formas identificadas

Como referido, o grau de fragmentação do conjunto apenas permitiu o enquadramento tipológico de treze exemplares, onde se registaram exemplares de lucernas de volutas, de disco e lucernas paleocrístãs, cujas características iconográficas e/ou epigráficas permitiram, em alguns casos, aditar alguns comentários morfológicos e de contextualização cronológica.

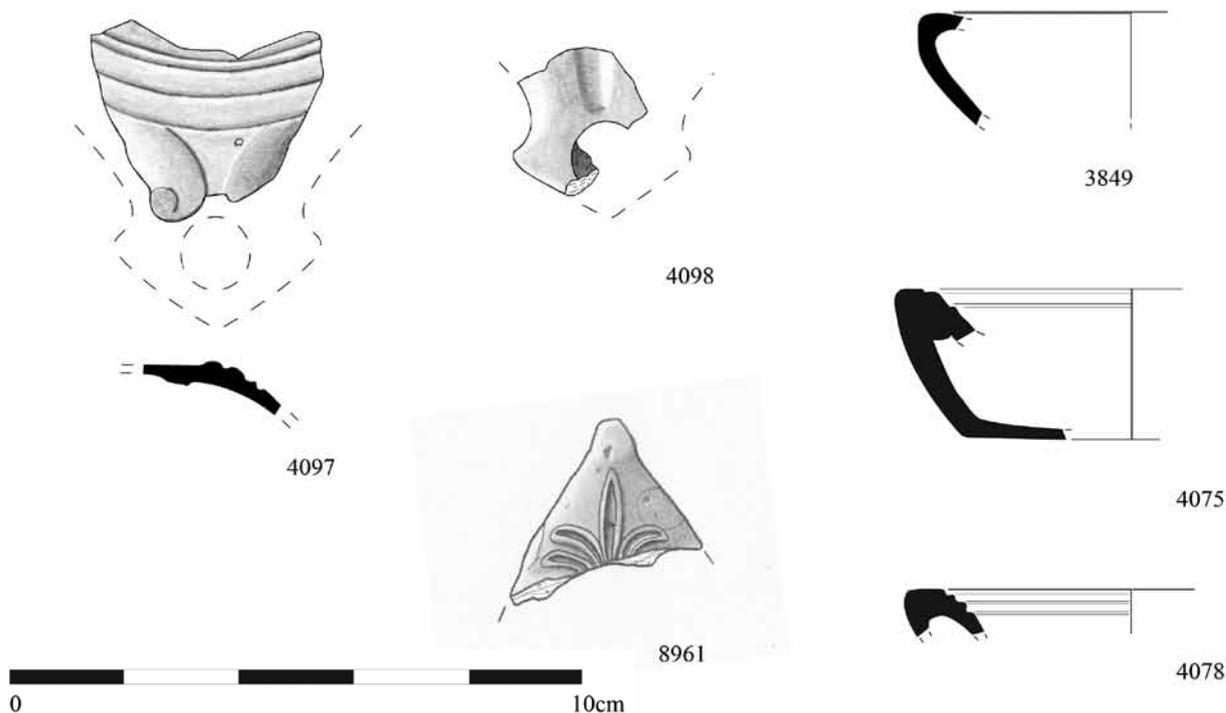


Fig. 2 – Lucernas de volutas. N.ºs 4097 e 4098 (Bugalhão & alii, neste volume).

3.1 Lucernas de volutas

Os exemplares de volutas corresponderam a 20% do conjunto, cerca de 11 indivíduos, dos quais apenas seis, de produção itálica (fabricos I e II) foram passíveis de classificação. Entre estes, os n.ºs 4097 e 4098 (Fig. 2) da forma 9 A de Dressel, integram o conjunto de espólio associado à necrópole existente no local, centrada na primeira metade do século I d.C. (Bugalhão & alii, neste volume).

Os restantes exemplares (Fig. 2, n.ºs 3849, 4075 e 4078) apresentam orlas planas, com inclinação para o interior e com a separação do disco e da orla efectuada por duas ou mais molduras concêntricas, aspectos formais característicos destas produções, que não permitem *per se* uma classificação formal e cronológica rigorosa (Morillo, 1999, p. 67).

Optou-se deste modo pela sua integração no conjunto das formas 9/11 de Dressel, que, de acordo com as suas cronologias de produção, abrangem todo o século I d.C. A sua recolha, em conjunto com outros fragmentos não passíveis de integração tipológica ou representação gráfica, nos depósitos anteriores ou eventualmente associados aos momentos de construção das estruturas fabris (Bugalhão, 2001, p. 60) pressupõe uma cronologia de descarte em redor da segunda metade do século I d.C. Foi ainda registado um fragmento de *ansa plás-*

tica triangular com a representação segmentada de uma palmetta de acanto estilizada, pertencente à forma 12/13 de Dressel (Fig. 2, n.º 8961). Embora exumado num dos estratos de amortização do tanque 19, relacionado com os momentos de abandono do complexo industrial, a sua cronologia de produção pode ser também rastreada, em modos gerais, ao século I d.C. (Morillo, 1999, p. 82; Pereira, 2008, p. 62).

3.2 Lucernas de disco

A maioria do conjunto correspondeu a lucernas de disco (31% da amostra, com cerca de 17 exemplares), das quais foi possível classificar cerca de seis exemplares, distribuídos pelas formas 20, 28 e 30 da tipologia de Dressel e pelo grupo das lucernas “derivadas de disco”.

A forma 20 de Dressel é um dos tipos mais difundidos das produções de disco ao longo de todo o século II, embora a sua produção seja iniciada em finais da centúria anterior (Morillo, 1999; Morillo & Rodríguez, 2009) estando documentada em diversos contextos da área urbana de Lisboa, no teatro romano (Diogo & Sepúlveda, 2000, p. 156, fig. 2, n.ºs 4 e 5, 2001, Est. I, n.ºs 1 a 6) na Praça da Figueira (Vieira, 2011, Est. I, n.º 2, Est. II, n.º 3; Est.

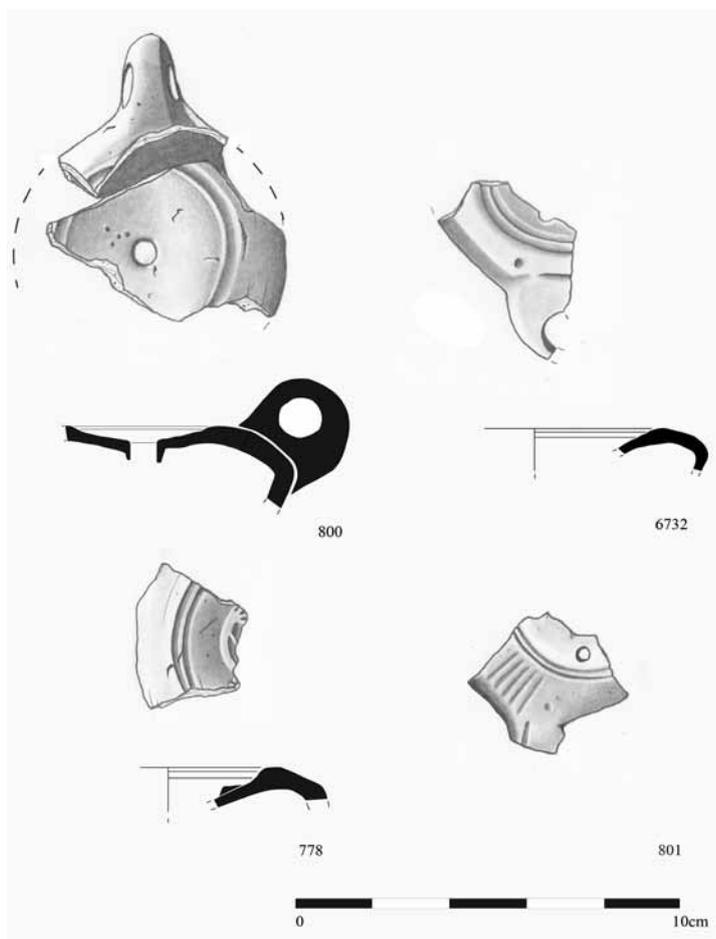


Fig. 3 – Lucernas de XVIII, n.ºs 119 e 120, entre outros nas Termas dos Cássios ou na Calçada do Correio Velho (Vieira, 2011, pp. 111–112).

No NARC está atestada por um único exemplar de classificação segura (Fig. 3, n.º 6743), o que em parte se pode explicar pela elevada fragmentação dos exemplares e pela ausência de fragmentos com os detalhes morfológicos que caracterizam esta forma, nomeadamente a estrutura do bico e a sua conexão com os restantes componentes do corpo. Trata-se de uma produção hispânica do fabrico VI, que corresponde a um fragmento de orla com duas molduras concêntricas na separação do disco e o bico demarcado por linha incisa com o característico orifício. Foi exumado na fábrica seis, na estratigrafia de abandono do tanque 17, datada da segunda metade do século III e inícios do século IV (Bugalhão, 2001, p. 147).

Com algumas reservas, podemos também integrar neste grupo os exemplares n.º 778 e n.º 800 (Fig. 3), igualmente exumados na fábrica seis, em contextos de cronologia islâmica. O primeiro corresponde a uma produção hispânica do fabrico VI

e conserva parte da orla larga e convexa com duas molduras na separação do disco, onde se observam vestígios de decoração em relevo. O segundo, o n.º 800, pertence a uma produção do fabrico IX, composta por asa, orla larga e disco côncavo delimitado por duas molduras largas, resultante de uma sobremoldagem, que poderá corresponder a um exemplar mais tardio no quadro desta forma.

Quanto ao n.º 801 (Fig. 3), parece corresponder à forma 28 de Dressel, do qual se conserva parte da orla, disco e bico de topo plano, embora o facto de se tratar de um fragmento de reduzida dimensão e de corresponder a uma sobremoldagem não permita aferir com maior rigor alguns dos detalhes morfológicos que caracterizam esta forma. A linha curva na separação entre o disco e o bico, parece assemelhar o fragmento aos tipos cureiformes, apresentando também a orla decorada com linhas radiais incisas, praticamente invisíveis. O orifício de alimentação encontra-se no limite inferior do disco, junto do bico e apresenta um engobe castanho enegrecido com uma pasta do grupo V, de produção hispânica.

Na área peninsular estão documentadas produções locais desta forma (Morillo, 1999, p. 120) em Tarraco e em Braga (Morillo & Rodríguez, 2009, p. 413; Morais, 2011, p. 374), sendo possível admitir que a mesma também possa ter sido produzida na Bética.

Embora corresponda a um contexto de recolha do tanque 17, datado da segunda metade do século III e dos inícios do século IV (Bugalhão, 2001, p. 147), a produção desta forma está documentada a partir de meados do século II d.C., etapa que parece coadunar-se às características técnicas do nosso exemplar, podendo abarcar também todo o século III d.C. (Pereira, 2008, p. 70). Queda contudo por determinar com maior clareza o seu *terminus*, que alguns autores avançam até aos inícios da quarta centúria (Provoost, 1976, *apud* Vieira, 2011, p. 64), tratando-se igualmente de uma forma bem documentada em *Olisipo*, nos conjuntos do teatro romano, (Diogo & Sepúlveda, 2001, est. II, n.ºs 9 a 10) na Praça da Figueira (Vieira, 2011, est. II, n.º 6), nas Termas dos Cássios e na Calçada do Correio Velho (Vieira, 2011, pp. 111–112).

Entre os exemplares de disco destaca-se ainda o n.º 4066 (Fig. 4) integrado no tipo 30 de Dressel-Lamboglia, que, embora incompleto, apresenta um corpo de tendência circular, com orla larga e convexa, correspondendo a uma lucerna de grandes dimensões com um depósito de características que confirmam a sua inclusão neste tipo.

Pelo facto de se tratar de uma sobremoldagem, a decoração em linhas oblíquas sulcadas na orla encontra-se muito desvanecida. Contudo, são visíveis semelhanças com outros exemplares igualmente integrados neste tipo, nomeadamente uma lucerna da aldeia do Penedo, Torres Vedras, classificada como Dressel-Lamboglia 30A (Sepúlveda & Sousa, 2001, Est. I, n.º 6) ou com um exemplar da villa romana de Torre de Águilla, Mérida, da forma Deneauve VIII B (Rodríguez, 2005, p. 199, Fig. 9, n.º 84).

A cronologia proposta para esta forma abarca todo o século III, em especial a segunda metade desta centúria, assim como a centúria seguinte (Morillo, 1999, p. 122), tratando-se no caso em questão de uma produção de origem local ou regional do fabrico VIII, que foi recolhido num contexto de cronologia islâmica.

Por último, incluímos o n.º 3206 (Fig. 4), recuperado na estratigrafia de abandono do tanque 23, datada dos finais do século IV a meados do século V d.C. (Bugalhão, 2001, pp. 117–119) no conjunto das lucernas “derivadas de disco”, que segundo o investigador espanhol Morillo Cerdán (1999, p. 122) correspondem a formas que resultam da miscigenação morfológica dos tipos 28 e 30 de Dressel (1999) e que em comum possuem o facto de se tratar de produções hispânicas de qualidade técnica inferior e de aspecto grosseiro, definido pelo uso reiterado do sobremolde (Morillo & Rodríguez, 2009, pp. 418–419).

Embora esta designação não seja consensual, partilhamos a ideia reiterada por outros autores que esta denominação corresponde sobretudo a um propósito de integração de exemplares que oferecem detalhes degenerativos dos tipos produtivos 28 e 30, resultantes do conseqüente alheamento dos modelos de inspiração originais (Morillo, 1999, p. 125; Morais, 2010, p. 67; Pereira, 2013, p. 22).

De facto, apesar de apresentar algumas características típicas das formas de disco tardias, como

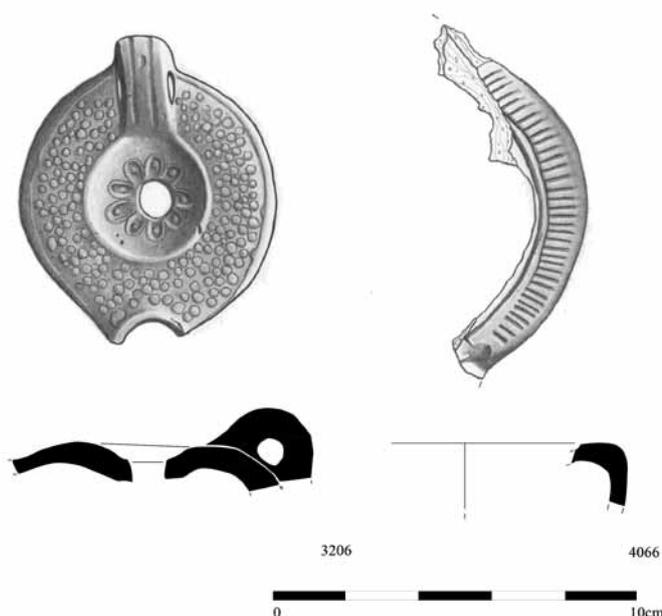


Fig. 4 – Lucernas de disco.

a orla desenvolvida e decorada com pérolas, o exemplar em questão é mais curto, revelando o disco e o bico mais reduzidos, atributos que conferem a sua integração neste conjunto. No mesmo sentido, alguns exemplares do espólio do teatro romano (Diogo & Sepúlveda, 2000, p. 154, Fig. 1, n.º 2, Fig. 2, n.º 6 e Fig. 3, n.º 16) e da Praça da Figueira, podem também coadunar-se a lucernas deste tipo (Morais, 2010, p. 67; Pereira, 2013, p. 22), cujas cronologias acompanham, em traços gerais, os momentos de produção das formas em que se inspiram, entre os finais do século III e ao longo do século IV (Morillo, 1999, p. 125).

A asa sobreelevada sobre a orla e o disco decorado com um motivo floral centrado a partir do orifício de alimentação e composto por nove pétalas com pontos em relevo, apresentam paralelos exactos num exemplar de Mérida, também ele de produção local (Rodríguez, 2002, p. 315, Fig. XV, n.º 215).

3.3. Lucernas paleocristãs

Do conjunto das lucernas paleocristãs ou também designadas lucernas de tradição tardo-antiga norte africanas, foram identificados quatro fragmentos (7% do conjunto), dos quais apenas três foram passíveis de registo gráfico, os n.ºs 165, 2962 e 3205 (Fig. 5). Trata-se de produções africanas do grupo IV, com origem provável na região da actual Tunísia, com as características argilas ver-

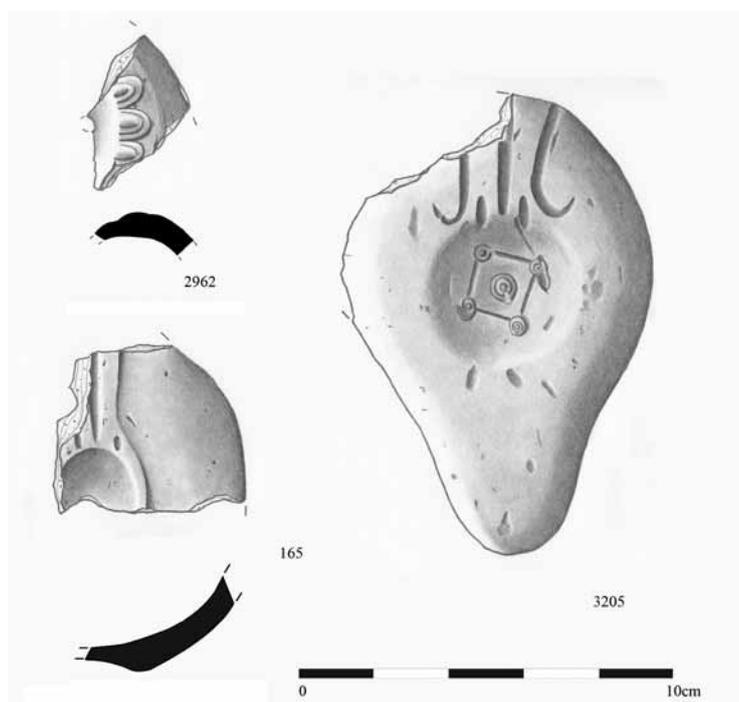


Fig. 5 – Lucernas paleocristãs.

melhas e o engobe similar às produções de *terra sigillata* clara. O fragmento n.º 2962 está representado por parte do disco e arranque do bico com orla plana e decoração em relevo, ostentando uma roseta e os n.ºs 165 e 3205 por fragmentos de fundos.

Quanto à sua classificação, tanto o exemplar n.º 2962 como o n.º 3205 apresentam alguns detalhes morfológicos que permitem a sua integração no tipo Hayes 1-Atlante VIII (Atlante, 1981), em especial este último, de forma ovalada, com a presença do fundo côncavo delimitado exteriormente por um sulco triplo que se prolonga em direcção à zona da asa. Entre estas linhas, definem-se mais duas pequenas incisões e no centro da base, uma marca representada por um losango com cinco círculos duplos em padrão (Bailey, 1981, p. 138, n.º Q2839). A presença de marcas na base é frequente nas lucernas africanas, em especial os motivos de círculos concêntricos, podendo ser combinados com outros elementos, inspirados nos modelos da *terra sigillata* (Bailey, 1980, p. 184).

Em termos cronológicos, a produção da forma VIII encontra-se centrada entre a segunda metade do século IV e a segunda metade do século V, coexistindo porém em contextos já do século VI (Atlante, 1981, p. 193). A sua ocorrência na bacia do mediterrâneo está intimamente relacionada com a fase de circulação dos produtos em *terra sigillata*

Clara D (Atlante, 1981, p. 193), demonstrando a rápida aceitação e popularidade de que estas formas e de que o renovado repertório iconográfico com motivos relacionados com o culto cristão gozaram ao longo dos séculos IV e V d.C.

No que respeita aos contextos de recolha, com excepção do n.º 165, proveniente de um contexto de cronologia moderna, todos os fragmentos deste grupo são oriundos da estratigrafia de abandono do tanque 23, dos finais do século IV e da primeira metade do século V (Bugalhão, 2001, pp. 117–119).

3.4. Elementos decorativos

Entre o conjunto lucernário do NARC estão também representados fragmentos aos quais não foi possível atribuir uma classificação, mas que possuem elementos iconográficos dignos de destaque no disco e orla, integrados nos grupos III e V de Bailey (1980 e 1988) (Fig. 6).

Do primeiro grupo consta o fragmento de disco n.º 2447, no fabrico VI, representando uma cena erótica composta por duas personagens de joelhos sobre o leito, oriundo dos estratos anteriores à construção do complexo fabril.

Tratando-se de um tema frequente nos conjuntos lucernários do século I d.C., em particular nos exemplares de volutas, são diversos os paralelos documentados, salientando-se a título de exemplo, a sua presença nos contextos de Conímbriga (Alarcão & alii, 1976, p. 98, lâmina XXV, n.º 37) onde a representação sobre o leito ocorre também com outras variantes (Alarcão & alii, 1976, p. 98, lâmina XXIII, n.º 17) no depósito de Santa Bárbara de Padrões, em Castro Verde (Maia & Maia, 1997, p. 93, Lu 301) ou em Santarém (Pereira, 2008, pp. 88–89, Estampa IV, n.º 110).

Com menor frequência, encontramos ainda este tema decorativo em lucernas de disco do tipo O de Bailey/Dr 17,18,19,24 e 27/Deneauve VIIA e D) da necrópole da Caldeira em Tróia, datadas entre os Flávios e Trajano (Almeida, 2008, p. 85, estampa III, n.º 5).

O grupo V comporta os exemplares n.ºs 1170, 2948, 3857 (Fig. 6). O primeiro destaca o disco decorado por duas palmas afrontadas com uma coroa de louros, um tema igualmente popular na

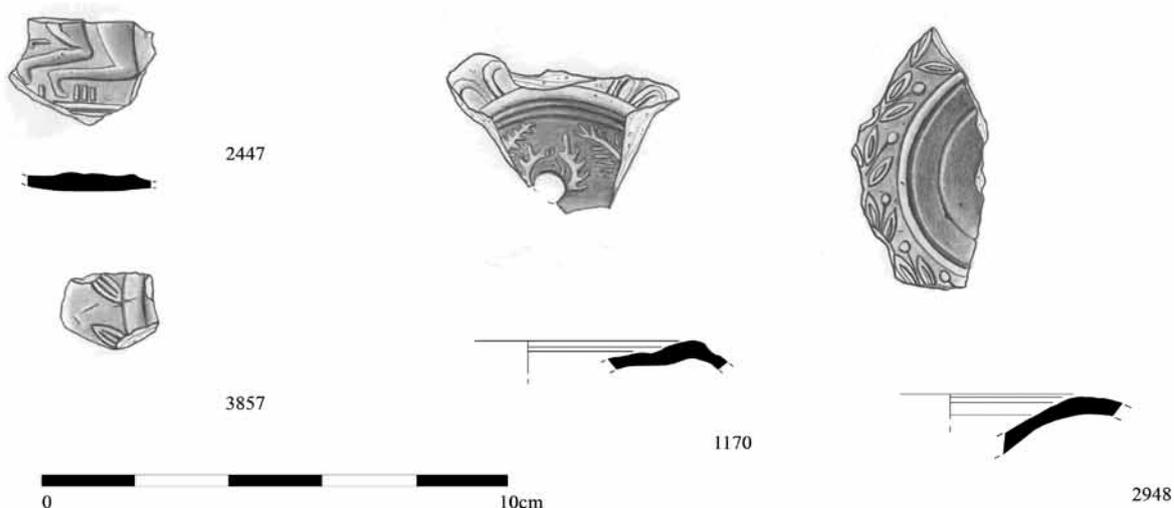


Fig. 6 – Fragmentos com motivos decorativos.

iconografia lucernária, com grande aceitação entre os finais do século I e o século II d.C. (Rodríguez, 2002), documentado em Santa Bárbara de Padrões, Castro Verde, em exemplares do tipo 20 de Dressel e Loeschcke VIII com coroas de louros centradas, ladeadas por duas palmas simétricas e orlas decoradas por coroa de óvulos (Maia & Maia, 1997, p. 119, Lu 453).

Na necrópole da Caldeira, Tróia, o tema das palmas verticais está também representado num exemplar do mesmo grupo formal, datado dos finais do século I até à primeira metade do séc. III, com maior incidência em contextos do século II d.C. (Almeida, 2008, p. 84, estampa XVIII, n.º 100), assim como na necrópole do Casal do Rebolo, no *ager Olissiponensis*, resultado de uma sobremoldagem, com cronologias do século III d.C. (Gonçalves, 2011, p. 104, sep. 9, n.º 40).

Apesar de não podermos atribuir uma classificação segura a este exemplar, dada a ausência de bico ou asa, a presença da decoração na orla em friso de óvulos parece remeter este exemplar para as formas 18 ou 24 de Dressel-Lamboglia.

A decoração nas orlas segue igualmente os protótipos clássicos destes séculos, (Rodríguez, 2005), representada pelos motivos florais onde se incluem as folhas lanceoladas, as coroas de folhas de oliveira ou os motivos geométricos de composições simples, estando as primeiras representadas no reduzido fragmento de orla n.º 3857 de fabrico hispânico (grupo VI) e a decoração em grinalda de folhas de oliveira ou ramos de trifoliáceas alternando com frutos registada no n.º 2948. Este é também um tema recorrente em lucernas do teatro romano (Diogo & Sepúlveda, 2001, p. 230),

num dos casos num exemplar do tipo Dressel-Lamboglia 27/28 (Diogo & Sepúlveda, 2000, p. 156, fig. 2, n.º 11, 2001, Est. II, n.ºs 8 e 9) e assaz comprovado desde finais dos Antoninos até meados do século III d.C. (Diogo & Sepúlveda, 2001, p. 230). O nosso exemplar de disco liso, com duas molduras radiais corresponde a uma produção de âmbito africano (fabrico III), com evidentes semelhanças com as lucernas africanas de tradição romana do grupo “Deneauve VIII”, subtipo 1 de Bonifay (2005, p. 14) cronologicamente situadas entre os finais do século II e o século III d.C., tanto a nível formal como decorativo, salientando-se a presença do engobe que caracteriza este subtipo. Provém de um contexto de amortização e abandono do tanque 21, datado dos finais do século IV e inícios do século V.

3.5. Exemplares de difícil classificação

No conjunto dos diversos fragmentos que não foi possível integrar tipologicamente, cabe ainda registar a presença de exemplares de asas perfuradas (Fig. 7, n.ºs 3013, 4068, 4070 e 6734), integradas nos tipos 7 e 7/8 de Ponsich (1961) fragmentos de disco, orlas e fundos de base plana com uma ou mais molduras na separação do reservatório.

4. Epigrafia

Há igualmente a referir a presença de cinco fundos que continham marcas, quatro epigráficas e

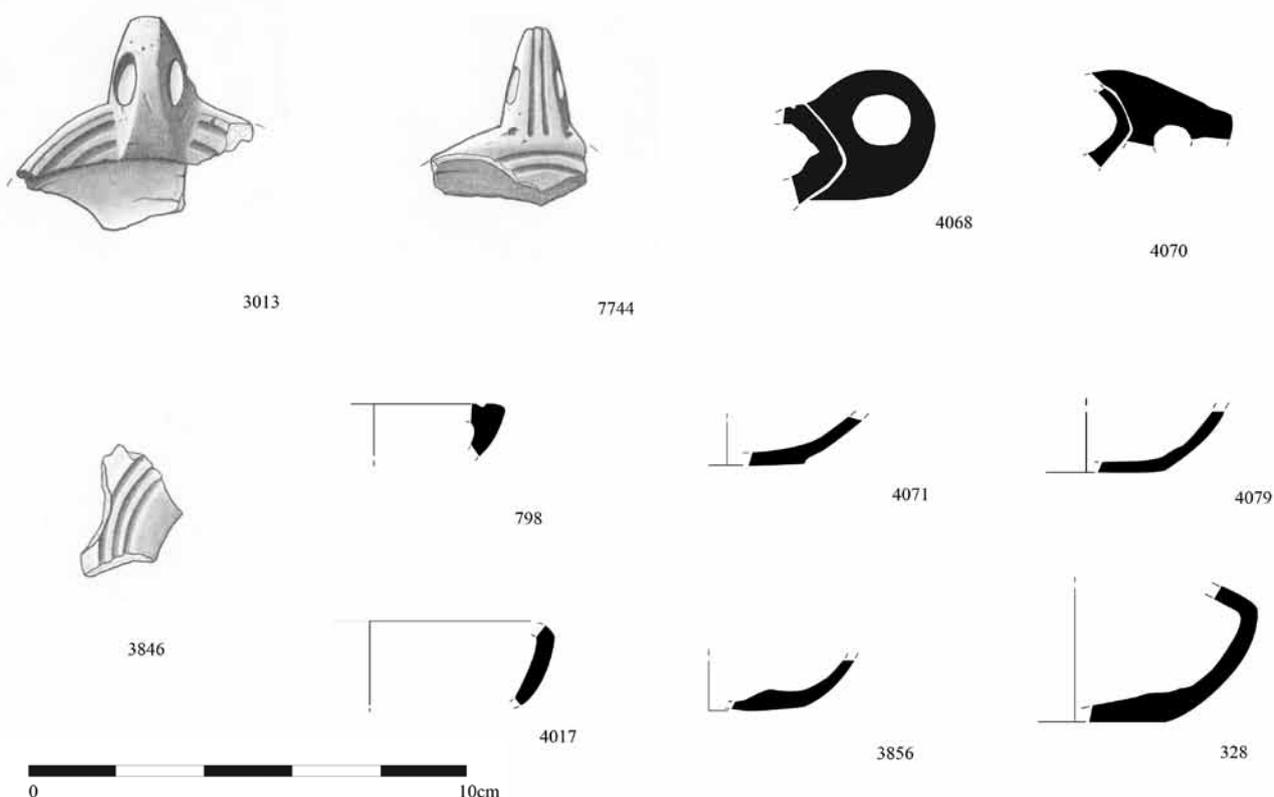


Fig. 7 – Exemplares de difícil classificação.

uma anepígrafa. Em dois casos, as marcas correspondem a áreas limítrofes das cartelas, o que impossibilitou a sua leitura e transcrição, permitindo apenas uma leitura completa dos n.ºs 2950 e 4067 (Fig. 8).

O primeiro corresponde a uma marca em relevo em dupla *planta pedis* com a leitura PVF/PVF. Esta marca, que ocorre também nas variantes de *planta pedis* simples e em cartela rectangular está atestada em Roma, Pompeia e Herculano, com uma cronologia de produção anterior a 79 d.C. e centrada, segundo Balil (1969, p. 18), no reinado de Cláudio. Uma origem no sul da Itália ou na África Tingitana tem vindo a ser apontada para a oficina exportadora destas marcas, (Balil, 1969, p. 18; Maia & Maia, 1997, p. 144; Rodríguez, 2002) frequentes em exemplares do tipo Dressel-Lamboglia 9 e 11, aos quais o nosso fragmento de fundo circular ressaltado separado por uma moldura, poderá corresponder.

No território português, a variante de dupla *planta pedis* está também identificada em Conimbriga (Alarcão & alii, 1976, p. 110, estampa XXXI, n.º 144) e em Santa Bárbara de Padrões (Maia & Maia, 1997, p. 144, Lu 330).

O n.º 4067 corresponde a um fundo com cartela incompleta onde se pode ler em relevo [...]

RON. Esta marca surge com diferentes variantes, como AVFFRON, documentada na necrópole da Praça da Figueira, Lisboa (Vieira, 2011, p. 95, estampa II, n.º 5), onde, tal como no nosso exemplar, as dimensões apontam para uma lucerna de disco; AVFIFRON, presente em Santa Barbara de Padrões, Castro Verde (Maia & Maia, 1997, p. 129) e Balsa (Nolen, 1992, p. 43, n.º 42) ou na variante AVLIKRON, documentada nas lucernas de Peroguarda (Viana & Ribeiro, 1957, p. 134, n.º 61).

Balil (1968) regista ainda a variante AVFFRON, atribuindo uma origem africana a esta oficina, também reiterada para a variante AVFFRON, esta última produzida na primeira metade do século II (Bonifay, 2004, p. 321-322). Esta cronologia parece ser também apontada para o exemplar registado na necrópole da Praça da Figueira, que, tal como no caso em questão, possui um fabrico africano (grupo III).

Por último, o exemplar n.º 799 (Fig. 8) corresponde a um fundo com uma marca em dupla *planta pedis* anepígrafa, que apresenta ampla difusão na península ibérica. Trata-se de uma sobremoldagem de produção emeritense, do fabrico VII, local onde esta marca está abundantemente documentada, sugerindo a hipótese de aí se localizar uma sucru-

sal com consentimento da *figlina* principal (Rodríguez, 2003, 2005, p. 97).

Embora se trate de uma marca cronologicamente situada na segunda metade do século I, por norma associada às lucernas alto-imperiais de volutas, propomos uma cronologia um pouco mais avançada para o nosso exemplar, na esteira da difusão dos exemplares emeritenses, balizados entre a segunda metade do século I e os finais do século II (Rodríguez, 2003). Foi recuperada na estratigrafia de preenchimento do tanque 17, datada de meados do século III e os inícios do século IV d.C. (Bugalhão, 2001, pp. 148–151).

5. Discussão

Ficou bem expressa ao longo deste texto a dificuldade em classificar a maioria das lucernas do NARC onde o total de formas identificadas correspondeu a 23% do conjunto. Este facto não inibiu a procura de cronologias (embora na maior parte dos casos estas apresentem uma grande amplitude) e proveniências, ainda que estas últimas careçam da devida confrontação analítica.

Cabe igualmente reforçar que, embora as lucernas do NARC, como outros conjuntos materiais, acompanhem a diacronia de ocupação romana do local, apontando para uma utilização que decorre desde a primeira metade do século I, recuando mesmo aos inícios da centúria e que se prolonga pelos séculos IV e V (Bugalhão, 2001), a sua presença está relacionada, de forma quase sistemática com os horizontes pré-industriais, anteriores à construção do conjunto fabril e com o seu abandono posterior, uma vez que foram estes os contextos que proporcionaram maior quantidade de lucernas.

Esta observação é também significativa no que respeita às origens das diferentes importações registadas. Com efeito, apesar do domínio global das produções hispânicas no conjunto, com cerca de 51%, seguidas pelas produções itálicas (24%), africanas (16%) e locais, com um valor residual de cerca de 4%, são as segundas que podem ser rastreadas quase em exclusivo aos horizontes pré-industriais, nomeadamente nas formas 9 A da tipologia de Dressel que integram o espólio da necrópole (Bugalhão & *alii*, neste volume) e nos

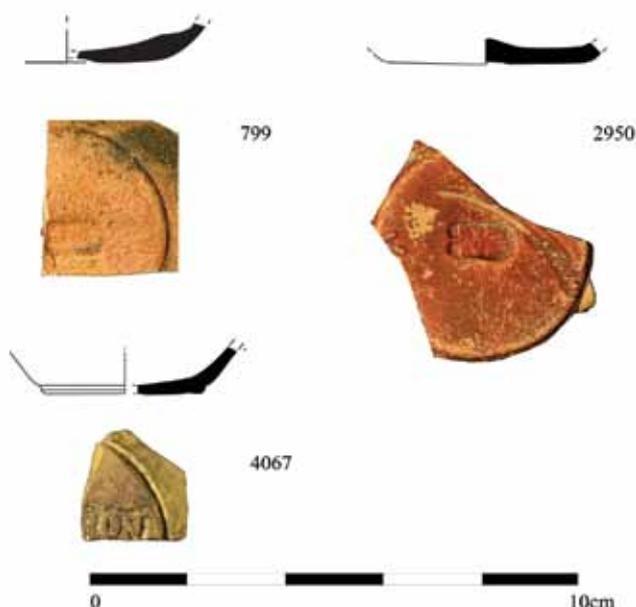


Fig. 8 – Exemplares com marcas epigráficas.

conjuntos integrados nos tipos Dressel-Lamboglia 9/11, recuperados nos estratos eventualmente relacionados com a sua desactivação ou com a construção do complexo industrial.

Alguns fragmentos atípicos de provável origem hispânica podem também ser vinculados a este horizonte de meados do século I d.C., ainda que a ausência de detalhes morfológicos não permita mais do que a mera constatação deste facto. A partir desta fase, o desenvolvimento das estruturas fabris coaduna este espaço ribeirinho a um tipo de ocupação de cariz industrial de características bem demarcadas da anterior, sendo na sequência do seu abandono, em particular nas estratigrafias de colmatagem dos tanques 17, 19, 21 e 23 que são recuperados os restantes conjuntos, registando, em alguns casos, um longo intervalo temporal entre as fases de produção e circulação destas lucernas e os seus momentos de descarte.

Esta ideia, que permitiria supor, numa primeira leitura, um período mais alargado de utilização destas lucernas, não pode ser comprovada, quer pela natureza, como pela celeridade dos enchimentos destas estruturas (Bugalhão, 2001), sendo portanto, as formas mais tardias as que contextualizam o arco cronológico fornecido por estes momentos de remodelação e abandono do complexo fabril, entre os meados do século III e os finais do século IV e inícios do V, nomeadamente as formas do tipo 30 de Dressel-Lamboglia, as produções “derivadas

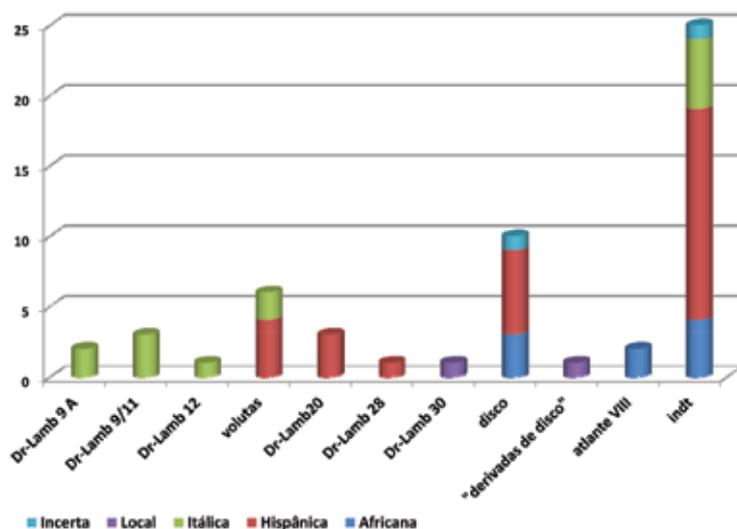


Fig. 9 – Tipos de lucernas patentadas no NARC.

de disco” de produção local e as lucernas norte africanas da forma Atlante VIII.

Não obstante, as cronologias de produção do conjunto lucernário, em particular as formas do tipo 20 de Dressel, centradas no século II e do tipo 28, de meados desta centúria até à centúria seguinte, demonstram que este cenário de circulação e comercialização de bens se mantém de forma ininterrupta ao longo da diacronia de ocupação do local, evidenciando algumas reorientações nas importações dos diferentes centros e áreas produtoras, concretamente um consumo mais substancial das produções hispânicas, que evidenciam alguns casos de sobremoldagem e o advento das oficinas africanas, que fazem agora a sua aparição.

O mesmo padrão, também observado no conjunto da Praça da Figueira, onde a expressão do acervo artefactual confirma o papel que as produções hispânicas e africanas passam a desempenhar no conjunto lucernário ao longo dos séculos II e III, em detrimento das importações itálicas, igualmente maioritárias na primeira centúria (Vieira, 2011, p. 118) consubstancia o que alguns autores têm vindo a sublinhar como uma crescente influência dos centros produtores da África Proconsular na relação comercial com a cidade e uma conseqüente quebra comercial do comércio itálico, agora mais restringido a áreas restritas (Pereira, 2008; Vieira, 2011). No NARC, esta influência observada timidamente no conjunto das lucernas, é particularmente expressiva nas importações de outros conjuntos materiais, (ânforas, cerâmica de *terra sigillata* e cerâ-

mica africana de cozinha) atestando a crescente influência desta província na relação comercial com a cidade como centro receptor privilegiado, fruto da sua condição portuária de entrada e saída de produtos da Lusitânia.

Por último, devemos ainda efectuar um breve comentário às produções do fabrico VIII, cujas características técnicas parecem corresponder à designada produção olisiponense, atestada na Praça da Figueira em lucernas do tipo 20 de Dressel-Lamboglia (Vieira, 2011, p. 116).

No respeito ao conjunto do NARC, os exemplares que podemos enquadrar nestas produções correspondem a formas mais tardias, inseridas em cronologias do século III ou já de inícios do século IV, no tipo 30 de Dressel ou no grupo das lucernas “derivadas de disco”, sendo interessante constatar a ausência da forma 20 de produção local, representada em exclusivo por produções hispânicas.

Quando comparamos estes dados com outras áreas urbanas da cidade, verificamos que estas produções parecem estar quase ausentes nos locais com contextos mais antigos, atingindo valores mais significativos nos sítios que apresentam ocupações que perduram ao longo do período romano (Vieira, 2011, p. 110) representadas não apenas pelas formas 20 ou 28 de Dressel, mas também por exemplares de lucernas mais tardios.

Esta constatação é evidente no teatro romano, onde, no que parece corresponder a um contexto de lixeira formado após o abandono e o desmantelamento da estrutura do teatro (Diogo & Sepúlveda, 2000, p. 155), a produção local de lucernas está atestada em cerca de 63,6% do conjunto, em formas do tipo 20 de Dressel, mas também nos tipos 30B e 31, com cronologias posteriores ao século III (Diogo & Sepúlveda, 2000, pp. 154–155).

O mesmo parece ocorrer na Praça da Figueira, onde, apesar de em menor número, estão também representadas formas do tipo 30 A de Dressel com produção daquela centúria (Vieira, 2011, pp. 64, p. 103) assim como alguns exemplares de produção local enquadráveis no designado grupo das lucernas “derivadas de disco” (Pereira, 2013, p. 22).

Também nas Termas dos Cássios encontramos uma percentagem significativa de formas de produção local e exemplares da forma 30B de Dressel, em-

Nº invent	U E	Nº fragmentos	rostrum	infundibulum	disco	orla	margem	ansa	base	Tipo	Class.	Origem provável	Marca epigráfica	Letura	Grupo pasta	Decoração	Observações
165	15	1	x							africana ou cristã		africana			IV		
328	20	1	x			x			x	disco		africana			III		
778	8	1		x		x				disco	Dr-Lb 20?	Hispanica			VI	decoração em relevo sobre o disco	
798	11	1	x							indt		Hispanica			VII		
799	11	1						x		volutas		Hispanica	dupla <i>planta pedis</i>	anepigrata	VII		sobremolde
800	11	1			x	x				disco	Dr-Lb 20?	incerta			VI		sobremolde
801	11	1								disco	Dr-Lb 28	Hispanica			V	vestígios de linhas incisas sobre a orla	sobremolde
876	12	1	x					x		disco		incerta			IX		vestígios de exposição a fogo na zona da asa
905	1	1	x							indt		Hispanica			V		
1170	15	1		x						disco	Dr-Lb 18/24?	Hispanica			V	2 folhas de palma dispostas simetricamente com uma coroa de louros ao centro e friso de óvulos na orla	
1180	poço	1	x			x				volutas		Hispanica			V		
1182	poço	1							x	indt		italica	<i>planta pedis</i>		I		
2447	110	1			x					volutas		italica			I	duas personagens sobre o leite	
2553	121	2	x							volutas		Hispanica			V		
2554	121	1	x							indt		Hispanica			VI		
2948	16	1			x					disco	Deneauve VIII.1?	africana			III	grinalda de folhas de oliveira e frutos no disco	
2950	27	1						x		indt		africana	<i>dupla planta pedis</i>	PVFPVF	III		
2958	27	1						x		disco		Hispanica			V		
2962	17	1				x				africana ou cristã	atlante VIII-A	africana			IV	rosela sobre o disco	
3013	16	1		x					x	disco		Hispanica			V		
3205	41	1	x						x	africana ou cristã	atlante VIII-A	africana			IV	decoração figurativa na base e sulco triplo na direcção da ansa	vestígios de fogo no infundibulum
3206	41	1			x				x	disco	"derivada de disco"	local			VIII	motivo floral sobre o disco e orla perolada	vestígios de fogo no bico de uso
3846	57	1			x					indt		Hispanica			VI		
3848	57	1			x					indt		Hispanica			VI		
3849	57	1	x							volutas	Dr-Lb 9/11	italica			I		vestígios de exposição a fogo na orla
3853	57	1			x					indt		italica			II		

bora não esteja especificada a sua origem produtiva (Vieira, 2011, p. 111).

Em função da frequência destas formas nos contextos urbanos e na região do *ager Olisiponensis*, (Sepúlveda & Sousa, 2001) consideramos que os dados destes locais permitem postular uma produção destes exemplares tardios e das formas “derivadas de disco” na região de *Olisipo*, como foi proposto em trabalho recente (Pereira, 2013, p. 22), à semelhança das propostas estabelecidas para a zona das Astúrias onde estes tipos encontram também grande difusão (Morillo, 1999,

p. 125), no que corresponderia a um processo de descentralização produtiva destas formas, assumidamente peninsulares (Morillo & Rodríguez, 2009, p. 293).

Este processo decorreria de uma tradição de produção e especialização olisiponense atestada desde o século II e comprovada pela já referida produção de lucernas do tipo 20 de Dressel identificada na Praça da Figueira, (Vieira, 2011, p. 116) consolidada e desenvolvida ao longo das centúrias seguintes na produção de modelos regionais de maior diversidade morfológica.

Agradecimentos

Não podemos deixar de prestar um agradecimento à Dra. Jacinta Bugalhão, que facultou todas as informações e opiniões fundamentais para o desenvolvimento do presente trabalho.

Agradecemos igualmente a todas as signatárias do artigo sobre a necrópole a sua disponibilização e por fim, a Carlos Pereira pelo precioso auxílio na classificação de alguns exemplares e pela contínua disponibilidade e amabilidade para esclarecer, discutir e clarificar alguns elementos do presente texto.

Bibliografia citada

- ALARCÃO, Jorge; DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; ALARCÃO, Adília; PONTE, Salette da (1976) - *Fouilles de Conimbriga, VI: céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard.
- ALMEIDA, João (2009) - *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal: escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40–60 do século XX*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Edição policopiada.
- ALMEIDA, José António Ferreira (1952) - Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 2, pp. 5–208.
- AMARÉ TAFALLA, María Teresa (1986) - *Lucernas romanas: generalidades y bibliografía*. Zaragoza: Universidad.
- AMARÉ TAFALLA, María Teresa (1987) - *Lucernas romanas de La Rioja*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos.
- AMARO, Clementino, CAETANO, Maria Teresa (1995) - Breve nota sobre o complexo fabril da Rua Augusta (Lisboa). *Conimbriga*. Coimbra. 32–33, pp. 283–294.
- ATLANTE I (1981) - *Atlante delle forme ceramiche I: ceramica fine romana nel bacino Mediterraneo (medio e tardo impero)*. In *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- BAILEY, Donald (1980) - *A catalogue of the lamps in the British Museum, 2. Roman lamps made in Italy*. London: British Museum.
- BAILEY, Donald (1988) - *A catalogue of the lamps in the British Museum, 3. Roman provincial lamps*. London: British Museum.
- BALIL ILLANA, Alberto (1968) - Marcas de ceramista en lucernas romanas halladas en España. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid, pp. 158–178.
- BALIL ILLANA, Alberto (1969) - *Estudios sobre lucernas romanas*. Valladolid: Universidad.
- BALIL ILLANA, Alberto (1982) - *Estudios sobre lucernas romanas, III*. Valladolid: Universidad.
- BEN ABED, Aicha; GRIESHEIMER, Marc, eds. (2004) - *La nécropole romaine de Pupput*. Roma: École Française de Rome.
- BONIFAY, Michel (2004) - *Etudes sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: Archaeopress.
- BONIFAY, Michel (2005) - Observations sur la diffusion des céramiques africaines en Méditerranée orientale durant l'Antiquité tardive. In BARATTE, François, ed. - *Mélanges Jean-Pierre Sodini*. Paris: Centre de Recherche d'Histoire et Civilisation de Byzance pp. 565–581.
- BUGALHÃO, Jacinta (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- BUGALHÃO, Jacinta; ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; DUARTE, Cidália (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano da Rua dos Correeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, pp. 243–275.
- CELIS BETRIU, Raúl (2005) - *Las lucernas romanas, conceptos y principios tipológicos: una aproximación a su definición*. Trabajo de D.E.A. Universitat de Barcelona.
- DENEAUVE, Jean (1969) - *Lampes de Carthage*. Paris: CNRS.
- DIOGO, António M. Dias; SEPÚLVEDA, Eurico (2000) - As lucernas das escavações de 1983/93 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 153–161.
- DIOGO, António M. Dias; SEPÚLVEDA, Eurico (2001) - Um estudo sobre as lucernas encontradas nas escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Conimbriga*. Coimbra. 21, pp. 225–235.
- GONÇALVES, Alexandre (2011) - *A necrópole romana do Casal do Rebolo (Almargem do Bispo), Sintra*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Edição policopiada.
- HAYES, John W. (1972) - *Late Roman pottery*. London: British School at Rome.
- LAMBOGLIA, Nino; BELTRÁN MARTÍNEZ, Antonio (1952) - Apuntes sobre cronología cerámica. *Caesaraugusta*. Zaragoza. 3, pp. 87–89.
- LARA VIVES, Gabriel (2005) - Lucernas de la Serreta. *Recerques del Museu d'Alcoi*. Alcoi. 14, pp. 123–142.
- LOESCHCKE, Siegfried (1919) - *Lampen aus Vindonissa: ein Beitrag zur Geschichte von Vindonissa und des antiken Beleuchtungswesens*. Zurich: Joseph Baer & C.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, José Ramón (1981) - La colección de lucernas de la Casa de la Condesa de Lebrija (Sevilla). *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 47, pp. 95–140.
- MAIA, Maria Garcia; MAIA, Manuel (1997) - *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde: Cortiçol.
- MORAIS, Rui (2005) - *Autarcia e comércio em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho.
- MORAIS, Rui (2010) - *A coleção de lucernas romanas do Museu de Évora*. Coimbra: Universidade.
- MORAIS, Rui (2012) - Las lucernas de producción regional de *Bracara Augusta*. In BERNAL CASASOLA, Dario; RIBERA I LACOMBA, Alberto, eds. - *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad, pp. 369–391.
- MORILLO CERDÁN, Ángel (1990) - En torno a la tipología de lucernas romanas: problemas de nomenclatura. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 17, pp. 143–167.
- MORILLO CERDÁN, Ángel (1999) - *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*. Montagnac: Monique Mergoil.
- MORILLO CERDÁN, Ángel, RODRÍGUEZ MARTÍN, Francisco Germán (2009) - Lucernas hispanorromanas. In BERNAL CASASOLA, Dario, RIBERA I LACOMBA, Alberto, eds. - *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad, pp. 407–427.
- NOLEN, Jeannette (1994) - *Cerámicas e vidros de Torre d'Ares*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- PONSICH, Michel (1961) - *Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane*. Rabat: Service des Antiquités du Maroc.
- PEREIRA, Carlos (2008) - *As lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Volumes. Edição policopiada.
- PEREIRA, Carlos (2013) - As lucernas de Alcácer do Sal: entre a prática e o sagrado. *Al-madan Online*. Almada. IIª Série. 17:2, pp. 13–28.
- RAPOSO, Jorge; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; BUGALHÃO, Jacinta; DUARTE, Ana Luísa; SABROSA, Armando; DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel (2005) - OREsT Project: archaeological and archaeometric research in the low Tejo. In GURT I ESPARRAGUERA, Josep Maria; BUXEDA I GARRIGÓS, Jaume; CAU ONTIVEROS, Miguel Ángel, eds. - *LRCW 1 – First International Conference on Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry (Barcelona, 2002)*. Oxford: Archaeopress, pp. 37–54.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, Francisco Germán (1996) - *Materiales de un alfar emeritense: paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, Francisco Germán (2002) - *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, Francisco Germán (2005) - *Las lucernas de la villa de Torre Águila (Barbaño, Badajoz)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- SABROSA, Armando; BUGALHÃO, Jacinta (2004) - As ânforas béticas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae: talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.–VII d.C.)*. Oxford: Archaeopress, pp. 571–585.

SANCIU, Antonio (2002) - Lucerne con bolli di fabbrica dal porto di Olbia. In *L'Africa romana: atti del 14.º Convegno di studio, 7-10 dicembre 2000, Sassari, Italia*. Roma: Carocci, pp. 1281-1299.

SEPÚLVEDA, Eurico; SOUSA, Vítor R. C. (2000) - *Lucernas romanas. Catálogo*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, Museu Municipal Leonel Trindade.

SEPÚLVEDA, Eurico; SOUSA, Vítor R. C. (2001) - Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal de Torres Vedras: as lucernas. *Coimbriga*. Coimbra. 40, pp. 237-280.

VIANA, Abel; RIBEIRO, Fernando Nunes (1957) Lucernas de Peroguarda. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas de Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 16, pp. 123-138.

VIEIRA, Vasco Alexandre Correia (2011) - *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): contributo para o conhecimento de Orlisipo*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Edição policopiada.